



## OS RELATÓRIOS KINSEY: PRÁTICAS SEXUAIS, ESTATÍSTICAS E PROCESSOS DE NORMALI(TI)ZAÇÃO

Tito Sena<sup>1</sup>

### 1. Introdução

O biólogo Alfred Charles Kinsey (1894-1956) elaborou um estudo entre 1938 e 1953, envolvendo a significativa participação de 11.240 indivíduos (5.300 homens e 5.940 mulheres) resultando na publicação de dois livros: *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia, PA: W.B. Saunders) em 1948 nos Estados Unidos e Inglaterra; e *Sexual Behavior in the Human Female* (Philadelphia, PA: W.B Saunders) em 1953. No Brasil, só houve a publicação de *A Conduta Sexual da Mulher*, em 1954, pela editora Atheneu, tendo sido reeditado em 1967. O livro *Sexual Behavior in the Human Male* não ter tradução e edição brasileira. Para esta pesquisa<sup>2</sup> utilizou-se uma versão fotocopiada, em espanhol, *Conducta Sexual del Varon*, publicada pela Editorial Interamericana, no México, em 1949. Contudo apesar destas variações nas traduções, não passam despercebidos, os títulos originais em tradução literal serem *O Comportamento Sexual do Macho Humano* e *O comportamento Sexual da Fêmea Humana*.

Kinsey, antes de dedicar-se à sexualidade, era professor de Zoologia, sendo especialista em vespas na área da entomologia (estudo dos insetos). Formou-se em Biologia em Harvard, em 1919. Em 1938 foi convidado pela Universidade de Indiana, onde lecionava, para coordenar um curso sobre casamento e aspectos biológicos da sexualidade. Além de ter encontrado pouca bibliografia em comportamento sexual humano, considerou precários os materiais disponíveis, com pouca validade científica e baseados mais em especulação do que na objetividade dos fatos e na averiguação estatística. Começou, então, a coletar histórias sexuais, chegando a atingir para a publicação dos dois livros, após 15 anos de estudos (1938 a 1953), a extraordinária cifra de 16.392 pessoas<sup>3</sup>, sendo 8.603 homens e 7.789 mulheres. Em 1947, um ano antes da publicação do relatório masculino, Kinsey fundou o *Kinsey Institute for Research in Sex, Gender and Reproduction*, existente até hoje.

---

<sup>1</sup> Psicólogo (UFSC-1994), Especialista em Educação Sexual (UDESC-1997), Mestre em Psicologia (UFSC-2001), Doutor em Ciências Humanas (UFSC-2007), Professor efetivo da UDESC.

<sup>2</sup> Este artigo foi elaborado a partir da tese defendida em 2007, “*Os relatórios Kinsey, Masters&Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas*” com orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mara Coelho de Souza Lago e co-orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Pillar Grossi da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup> A diferença entre esta cifra de 16.392 pessoas e as 11.240 citadas anteriormente, são por conta do fato de nem todas as pessoas catalogadas e entrevistadas terem sido incluídas no aproveitamento conclusivo dos resultados publicados nestes dois relatórios.



A principal característica dos relatórios Kinsey<sup>4</sup> foi a obtenção de informações trabalhadas estatisticamente. De acordo com dados no site do Instituto Kinsey ([www.kinseyinstitute.org](http://www.kinseyinstitute.org)), entre 1938 e 1963, ano de encerramento do projeto original, haviam sido registradas 18.216 entrevistas. O método de coleta de dados de Kinsey foi entrevista pessoal, presencial, realizada frente a frente, sendo os dados registrados mantidos confidenciais através de codificação. Os interrogatórios duravam entre uma hora e duas horas, dependendo da disposição do informante e do número de questões, que não eram fixas, variando entre o mínimo de 300 até 500 ou mais perguntas.

Os dados forneceram uma base estatística para o estudo de assuntos como masturbação, homossexualidade, sexo pré-conjugal e a natureza do orgasmo feminino, entre o(a)s norte-americano(a)s branco(a)s. Quanto a não inclusão de negro(a)s e outras etnias na conclusão dos estudos, muito embora presentes no levantamento geral, Kinsey apresenta como justificativa a pouca representatividade, em relação ao número total de participantes entrevistados. Kinsey tinha uma preocupação tão grande com a representatividade de sua amostra que reservou 150 páginas do primeiro livro (total de 804 páginas) e 115 páginas do segundo livro (total de 842 páginas) para descrever o histórico da coleta e fontes de informações, o método, a constituição da amostra, a rigorosa análise estatística, o objetivo científico e a validade dos dados, além de ter tido consultores em estatística para a tabulação das informações.

## 2. *A Conduta Sexual do Homem (1948)*

O primeiro relatório Kinsey, *Sexual Behavior in the Human Male*, *A Conduta Sexual do Homem*, foi publicado em 1948 após 10 anos de entrevistas pessoais. A obra está dividida em três partes e 23 capítulos abordando os tipos e fatores que afetam os atos sexuais, além das causas do orgasmo, sejam eles através de relações pré-matrimoniais, matrimoniais, extramatrimoniais, homossexuais ou masturbação.

Na primeira parte de seu relatório, Kinsey e seus colaboradores expõem em 140 páginas, as bases e as análises estatísticas de seu trabalho, incluindo os cuidados com as entrevistas, os recursos técnicos, as amostragens, a natureza, as subdivisões e a validade dos dados.

Kinsey deixa textualmente explícito seu descompromisso com julgamentos de ordem moral, religiosa, cultural, ou rotulações e categorias psiquiátricas, tais como pessoas sexualmente equilibradas, neuróticas, psicóticas ou psicopáticas. Por considerar a conduta sexual humana uma

---

<sup>4</sup> Muito embora os relatórios sejam tributados a Kinsey, a pesquisa teve a co-autoria de mais três colaboradores: Wardell Baxter Pomeroy (1913-2001), psicólogo da prisão do Estado de Indiana, Clyde E. Martin (1918-1989), estatístico da Universidade de Indiana e Paul H. Gebhard (1917- ) antropólogo da Universidade de Harvard (ausente no relatório masculino).



unidade, compreendida em seus diversos aspectos, Kinsey reforça a conexão e o envolvimento de seu estudo com disciplinas tais como antropologia, biologia, psicologia, medicina, ciências sociais, direito e etologia. Por outro lado manifesta como uma das dificuldades encontradas, as críticas intensas recebidas por colegas científicos.

Algunos psicólogos sostienen que la conducta sexual encierra una serie de problemas fundamentalmente psicológicos y que un biólogo no está calificado para hacer su estudio. Ciertos sociólogos opinan que los problemas son, en su mayor parte, sociales y que ni un biólogo ni un psicólogo son personas idóneas para llevar a cabo un estudio sobre el sexo. Varios psicoanalistas pensaban que la conducta sexual sólo podía ser adecuadamente estudiada por una persona de su especialidad. **Un grupo de médicos argüía que la redacción de historias constituye una práctica clínica y que todos estos estudios deberían ser realizados por clínicos dentro de las clínicas.** (KINSEY et al, 1949:11) (grifos meus)

Estas opiniões configuram a tendência disciplinar e os reducionismos predominantes nos campos de investigação científica no século XX. Foram com estes mesmos princípios, que Masters & Johnson(1976,1981), no campo da fisiologia sexual e Shere Hite (1979, 1982), no campo da história, procuraram, a partir dos estudos de Kinsey, preencher suas prováveis lacunas.

Kinsey utilizou o método taxionômico<sup>5</sup> como técnica de investigação, e apresenta distinções entre sua aplicação em biologia e em ciências sociais, reconhecendo os problemas de generalizações deduzidas da observação e classificação de um grupo de indivíduos, quando estendidas para toda a população, principalmente tratando-se de “um animal tão variável como o homem” (KINSEY, 1949:17). Mas para reduzir os erros, Kinsey utilizou a estatística como procedimento complementar, defendendo-a como requisito fundamental para o estudo de qualquer espécie, incluída a humana. Tomando como referência o ano de publicação do livro, 1948, Kinsey se coloca como um defensor da transposição para a ciência, dos recursos da economia, do comércio e de pesquisas de opinião pública.

Referindo-se aos estudos científicos publicados anteriormente sobre sexualidade, Kinsey diz ter encontrado em levantamento entre 1915 e 1948, apenas 19 estudos norte-americanos sobre a conduta sexual realizados pelo método taxionômico. Destina algumas páginas para caracterizações e rápidas comparações destes estudos e analisa as limitações da validade de suas conclusões. Kinsey faz citação e reconhecimento a pesquisadores estrangeiros, precursores da área da sexualidade, e às milhares de histórias individuais de textos de psiquiatria e psicologia. Mas aponta também restrições quanto à descrição sistemática da pesquisa, excetuando deste seu parecer o trabalho de Magnus Hirschfeld (1868-1935), fundador do Instituto de Ciência Sexual de Berlim, em 1919.

Se citan casos en las obras de Havelock Ellis, Freud, Stekel, Hirschfeld, Kraft-Ebing, Mantegazza, Marcuse, Moll, Bloch, Rohleder, Henry (1941) y otros muchos. (...) Pero ninguno de estos autores, a pesar de su aguda

---

<sup>5</sup> Kinsey descreve, em linhas gerais, o método taxionômico, como a medição, descrição e classificação das variações em séries ou categorias de indivíduos considerados como representativos de uma espécie (KINSEY et al, 1949, p.16-20).



penetración en el sentido de ciertas cosas, **ha tebido un conocimiento preciso y ni siquiera aproximado de la sexualidad del pueblo medio**. Nunca supieron lo que era común y lo que era raro, porque sus datos procedían de gentes de muy diversa condición y **generalmente poco representativas** que acudían a sus clínicas (Freud, Hirschfeld, y otros), de personas con las que sostenían correspondencia (Ellis) o de un número limitado de personas a las que entrevistaron detalladamente (como el estudio de Henry). (KINSEY et all, 1949: 32) (grifos meus)

Os relatórios portam um estilo textual seco e impessoal e, se por um lado, não contemplam o leitor com nenhuma foto ou ilustração erótica, por outro abusam de gráficos e tabelas estatísticas. Para o masculino, são 162 tabelas numéricas (quadros) e 173 gráficos de percentuais; para o feminino, Kinsey foi mais parcimonioso, fornecendo 13 tabelas numéricas (quadros) e 155 gráficos.

A segunda e terceira partes do relatório masculino são destinadas a uma detalhada e densa descrição dos resultados estatísticos, com comentários sempre embasados nas cifras de frequências indicadas nos quadros e figuras. Verifica-se também que Kinsey e sua equipe se esmeraram em manter as temáticas semelhantes nos dois relatórios, exceção feita ao comércio sexual com prostitutas presente apenas no relatório masculino.

Kinsey destina o último capítulo aos clínicos, psicólogos, psiquiatras, conselheiros matrimoniais, padres e outras pessoas que dirigem a conduta humana, em dimensão prescritiva.

Com frecuencia es importante saber hasta qué punto la sexualidad de un sujeto se desvía de las normas del grupo en el seno del cual se ha educado o vive. Los conflictos personales dependen más a menudo del grado en que el individuo se desvía de las pautas de su grupo social, que de su negativa a someterse a los códigos sociales y legales. Muchos clínicos consideran que cualquier modificación de la conducta debe limitarse a adaptar al sujeto a las normas de su grupo, sin imponerle las que un medio social superior considera social o moralmente deseables. Cada vez es mayor el número de clínicos que han podido comprobar que, cuando se intenta readaptar la conducta a normas extrañas al individuo, pueden producirse conflictos todavía mayores. Muchas personas que sufren a causa de ciertos aspectos de su vida sexual, pueden aliviarse fácilmente cuando conocen la del resto de la población y comprueban que ésta no se diferencia fundamentalmente de la propia. (KINSEY et all, 1949:601) (grifos meus)

Esta passagem talvez sintetize a intenção principal de Kinsey: mesmo não sendo da área clínica, esperava com sua ampla descrição das variações dos comportamentos sexuais dos norte-americanos pudesse informar que o que os indivíduos consideravam conduta anormal não era “tão anormal” quanto o indivíduo supunha. Como consequência, os clínicos (psiquiatras, psicoanalistas e psicólogos) deveriam levar em conta até que ponto seus interesses em modificar o comportamento individual não significariam modificar o comportamento de todo um grupo.

### 3. A Conduta Sexual da Mulher (1953)

O segundo relatório Kinsey, *Sexual Behavior in the Human Female*, A Conduta Sexual da Mulher, foi publicado cinco anos após o relatório masculino. A obra está dividida em três partes e 19 capítulos abordando tipos de atividades sexuais, tais como masturbação, relações pré-conjugais, conjugais, extraconjugais, homossexuais e com animais, entre outras.



Na parte I de seu relatório, Kinsey e seus colaboradores expõem em 114 páginas, o objetivo do estudo, as bases e as análises estatísticas de seu trabalho, as fontes dos dados e validade dos dados, repetindo as preocupações contidas no relatório masculino. Com relação ao objetivo científico de aumentar o conhecimento na área da sexualidade, está mais uma vez caracterizado o interesse em estudar os parâmetros de normalidade social.

[...] vimos, recentemente, distinções mal estabelecidas entre o que é normal e o que é anormal conduzirem a formulações de leis de psicopatologia sexual que não são reais, não podem ser impostas e são incapazes de fornecer a proteção que a organização social foi levada a crer que elas pudessem fornecer. Não pode haver prática médica sadia ou bom planejamento de leis sexuais antes de compreendermos mais adequadamente as origens do comportamento sexual humano. [...] (KINSEY et all, 1954:05). (grifos meus)

Ainda neste campo de controle social da conduta, Kinsey, um defensor da honestidade científica (termos seus), acredita que o conhecimento verdadeiro dos fatores biológicos, psicológicos e sociais das atividades sexuais é o caminho para o ajustamento entre a natureza sexual do homem e as exigências sociais. Ao se referir às limitações impostas pelos códigos sexuais judaicos e cristãos, manifesta sua contrariedade com as criminalizações de atos cotidianos e frequentes (conforme apontado em seus inquéritos) tais como masturbação, contatos bucogenitais, contatos homossexuais e outras práticas ilícitas que contrariam a função procriadora do sexo.

A parte II do relatório se ocupa dos tipos de atividade sexual das mulheres, com capítulos sobre o desenvolvimento sexual da pré-adolescência, as práticas masturbatórias, relações sexuais (conjugais, pré-conjugais e extra-conjugais), sonhos sexuais, contatos homossexuais e contatos com animais. Os temas são abordados seguindo praticamente a mesma divisão das seções, em que são distribuídos em tópicos como definição, origens mamíferas e humanas primitivas, relação com a idade e estado civil, relação com o nível de instrução, relação com a crença religiosa, relação com o ambiente rural e urbano, técnicas, etc. Ao final de cada capítulo, Kinsey elabora um quadro resumo com comparações entre os sexos.

As descobertas sobre a masturbação, por exemplo, foram confirmadas posteriormente, tanto por Masters & Johnson como por Shere Hite.

Em todos os tipos de atividade sexual, a masturbação é, contudo, aquele em que a mulher atinge com mais frequência o orgasmo. Até no coito conjugal a mulher comum não atinge o orgasmo em grande número de contactos, observando-se isto na maioria das carícias que pratica antes do casamento; atinge porém o orgasmo em 95 por cento ou mais de suas práticas masturbatórias.(KINSEY et all, 1954:149).

Alguns assuntos recebem também, além das leituras estatísticas, um tratamento transdisciplinar onde são acrescentadas informações densamente referenciadas em autores de diferentes áreas disciplinares, sobre as origens históricas, dados antropológicos, aspectos fisiológicos, psicológicos, morais, legais e sociais.



Kinsey é um ferrenho crítico às legislações norte-americanas, produtos de códigos religiosos que ele considerava como descompassadas em relação às mudanças de comportamento sexual do pós-guerra. Pode-se afirmar sem erro que as repercussões e o impacto da divulgação de seus relatórios, advieram predominantemente destes aspectos legais em dissonância com as práticas cotidianas. Na época (anos 40), segundo ele próprio informa, todos os estados norte-americanos proibiam as relações homossexuais, em quase todos os Estados Unidos o coito era proibido aos menores de 18 anos, quer fossem homens ou mulheres, e em 70% dos Estados, o coito pré-conjugal era condenado como ilícito.

No tocante ao orgasmo feminino, Kinsey trata o assunto de uma maneira especial, e verificou em seus inquéritos que de 70 a 77% das mulheres atingem orgasmo em seus coitos conjugais, índices estes questionados na década de 70 por Shere Hite.

O capítulo 11 de *A Conduta Sexual da Mulher* aborda as reações e os contatos homossexuais das mulheres e tal como demonstrado nos capítulos sobre coito pre-conjugal e extraconjugal, Kinsey fornece um espectro de considerações fisiológicas, psicológicas, antropológicas, técnicas, morais e legais.

A parte III do relatório é reservada às comparações entre o sexo feminino e masculino, incluindo anatomia, a fisiologia, a endocrinologia e a psicologia das reações sexuais. Kinsey, por exemplo, afirma que “o orgasmo na mulher se assemelha ao orgasmo do homem em suas minúcias fisiológicas, exceto que ocorre sem ejaculação” (KINSEY et all, 1954:605). Não obstante faz a ressalva de a mulher e o homem diferirem em suas capacidades de reagir aos estímulos psicosexuais.

Comparado com o relatório masculino, o relatório feminino é muito mais econômico em apresentação de figuras (155) e quadros(13) tendo ilustrações de desenhos dos órgãos sexuais da mulher e do homem, recurso não utilizado no anterior. Talvez por isso a linguagem e o estilo do texto como um todo esteja mais fluente e didático, sem as inúmeras interrupções explicativas das frequências determinadas.

Neste campo discursivo onde se elaboraram os relatórios, as estatísticas de Alfred Kinsey e seus colaboradores foram ferramentas para justificar as oposições aos padrões de normalidade e legalidade vigentes no meio norte-americano no pós-guerra, e defender uma concepção de sexualidade constituída a partir de uma infinidade de práticas e preferências entre os indivíduos.

#### *4. Alguns resultados estatísticos*



Apresentamos a seguir algumas das principais conclusões dos relatórios Kinsey, sem enveredarmos em interpretações ou opiniões sobre os percentuais frequenciais. No sentido de correlacionar os resultados, forneceremos, em forma comparativa, os percentuais masculinos e femininos. Importante destacar que as tabelas e os quadros apresentam uma divisão etária em intervalos de 5 anos, iniciados em sua maioria na idade de 15 anos, a partir da qual as faixas etárias formam sequenciais agrupadas.

#### Sexo antes do casamento

- Homens: 67% a 98% - disseram ter praticado sexo antes do casamento
- Mulheres: 50% - relataram ter praticado sexo antes do casamento

#### Sexo extramarital

- Homens: 50 % - disseram ter praticado sexo fora do casamento
- Mulheres: 26% - relataram ter praticado sexo extramarital

#### Masturbação

- Homens: 92 % - disseram que se masturbaram
- Mulheres: 62% - disseram que se masturbaram  
45% - com a masturbação alcançaram o orgasmo em 3 min.

#### Sexo oral

- Homens: 10,0 % praticaram cunnilingus antes do matrimônio  
48,9 % praticaram cunnilingus no matrimônio
- Mulheres: 19,1 % praticaram fellatio antes do matrimônio  
45,5 % praticaram fellatio após matrimônio

#### Homossexualidade

- Homens: 37 % relataram ter tido alguma experiência homossexual  
10 % entre 16 e 55 anos são predominantemente homossexual.
- Mulheres: 13 % relataram ter experiências homossexuais

Além destes resultados estatísticos, a equipe de Kinsey diz que, quando a resposta masculina está no auge, entre 13 e 19 anos, a maioria das mulheres está em sua menor resposta e quando as mulheres estão no auge, entre 30 e 40 anos, o homem está em declínio acentuado; acrescenta-se a isto o fato de as práticas de excitação não serem necessariamente as mesmas entre homens e mulheres. Em relação às mulheres, Kinsey é categórico: afirma ser uma impossibilidade física e fisiológica, para quase todas as mulheres, a tese psicanalítica de ser o estímulo e o orgasmo vaginal, fontes naturais e únicas de satisfação de uma mulher psiquicamente madura.

Uma elaboração de Kinsey e seus colaboradores, discutida nos dois relatórios e muito explorada para reflexões sobre a polaridade hetero/homo, é a escala de avaliação heterossexual-homossexual, escala H-H<sup>6</sup>, composta a partir do comportamento, reações e fantasias, com variações

---

<sup>6</sup> Grau 0: exclusivamente heterossexual; grau 1: predominantemente heterossexual, mas com experiências homossexuais esporádicas, quer de atos, emoções ou fantasias; Grau 2: predominantemente heterossexual, mas com considerável atividade homossexual; Grau 3: atividades homossexuais e heterossexuais mais ou menos equivalentes em frequência;



de 0 à 6. Esta escala, formulada através de dados estatísticos, mesmo que aberta à inúmeras análises, interpretada como um continuum, zona de indefinição, flexibilização da oposição homo-hetero, etc., diagramaticamente é apresentada como classificatória, mantendo portanto um esquema enquadrador, que Kinsey até procura, mas não consegue se desvencilhar totalmente, em meu entendimento.

### 5. Considerações de encerramento

Intencionalmente deixamos para o encerramento deste artigo, os liames teóricos. Ancoramos nossa análise nos escritos de Michel Foucault, partindo de suas elaborações presentes em *História da Sexualidade I. A vontade de saber*, e sua crítica ao modo como a sociedade ocidental cristã situa a sexualidade na configuração de uma *scientia sexualis* (ciência sexual) desenvolvida para dizer uma verdade no sexo, verdade entendida como construtora de normatividades (pelas formas de saber) e normalidades (forças de poder), ou seja, em processos de normatizações e de normalizações. Foram fundamentais também entre outras, as reflexões contidas em Foucault (1995,1999): *A Arqueologia da Saber* e em *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*.

Os relatórios Kinsey (assim como os relatórios Masters&Johnson e relatórios Hite) se inserem na mesma lógica quantificadora que se instalou nos vários campos do conhecimento do século XX ou, numa terminologia foucaultiana, fazem parte de uma mesma configuração do saber, uma *epistémê*, que ainda mantém uma *Mathêsis*, uma ordem e uma matemática confirmatória do conhecimento produzido (Foucault, 1999). Apesar de considerar a matemática uma ciência única, o alerta de Foucault é para o risco de homogeneizar todas as formas de historicidade, além de estabelecer limites rígidos e fixos:

A matemática foi seguramente modelo para a maioria dos discursos científicos em seu esforço de alcançar o rigor formal e a demonstratividade; mas, para o historiador que interroga o devir efetivo das ciências, ela é um mau exemplo – um exemplo que não se poderia, de forma alguma, generalizar. (FOUCAULT,1995:214).

A adoção de tabelas, gráficos com percentuais, levantamentos estatísticos e de dados matemáticos, é uma constante em relatórios deste tipo, sendo uma continuidade discursiva, fruto evidentemente de uma tradição científicista de nossa sociedade que busca, nestas estatísticas, confirmações ou negações para as práticas da população. Como consequência, produzem normatizações e sustentam os padrões de normalidade (através de normalizações), sejam de

---

Grau 4: predominantemente homossexual, mas considerável atividade heterossexual; Grau 5: predominantemente homossexual, mas com alguma atividade heterossexual esporádica; Grau 6: exclusivamente homossexual. (A posição de um indivíduo na escala, em geral, não é constante no tempo).



posturas, atrações, condutas, costumes, comportamentos e desejos, através de um “verniz” científico. Admitamos ou não, há uma dominação crescente da estatística, pois gráficos, estimativas, probabilidades, possibilidades, estão presentes em todos os discursos científicos, pseudo-científicos e não científicos. Estaremos literalmente ou metaforicamente num “jogo de dados”? Dados numéricos, dados estatísticos convertidos em dados normais? A questão não é, portanto, científica: a estatística não legitima a ciência, a estatística legitima a representatividade. Por este raciocínio, concordando com Foucault (1999), como as ciências humanas continuam buscando legitimidade em números estatísticos?

Mas a análise não é tão redutível e simplista assim “quanto se pensa”, pois uma das marcas da contemporaneidade é um triunfo do número. Portanto, avaliar nossas performances sexuais e as práticas sexuais em termos numéricos, ou melhor, em termos estatísticos, só demonstra esta ânsia pelos enquadramentos na média, dentro da média normal, dentro dos parâmetros esperados. Ao ver os percentuais num livro “científico”, o enquadramento comparativo é automático: estando nos 70% ou nos 30%, é o número que me avaliará, é um “diagnóstico estatístico”, não é um diagnóstico clínico, cuja mediação (pela média numérica!) é relatada pelos participantes das enquetes, logo, os outros. Se estiver na maioria, sou normal; caso contrário, tendo este (pré/pseudo)diagnóstico estatístico (científico!?) como referência, procurarei (se puder) um especialista para confirmação através de um diagnóstico clínico (científico!?). É a prática real da normalização que determina o conceito de normal. Mas é com tal preocupação que lanço a pergunta inquietante: e quando um conceito é incorporado como um preceito?

O uso do argumento da “maioria” para justificar o que alguém julga ser normal é um argumento basicamente estatístico que, numa leitura extrapolada e equivocada, converte o comportamento da maioria em certo, em verdadeiro. No máximo, podemos dizer que estes comportamentos normais são mais frequentes ou mais comuns do que aqueles que ficam nos extremos de uma amostra populacional observada. Ainda assim, se convalidarmos o critério.

Poder-se-ia, num primeiro momento, problematizar a normalidade como critério objetivo e científico; ou, em oposição à normalidade como um critério subjetivo, o que é normal para mim não o é para o outro. O ponto nodal é a norma-verdade, um casamento entre a normalidade e a verdade, verdade não como conhecimento objetivo ou subjetivo em relação ao pensamento, mas verdade como obrigação de pensar de uma certa maneira, em uma certa época, em determinado lugar. Não obstante, as emergências discursivas de um período passam por utilizações ou re-utilizações discursivas de gerações subseqüentes, fazendo parte assim de uma história do presente. Neste



mesmo emaranhado discursivo, as sexualidades descritivas se convertendo em sexualidades prescritivas, tornam-se sexualidades normali(ti)zadas, sexualidades “verdadeiras”. Esta é a lógica das sexualidades estatísticas, uma continuidade, uma permanência, também nas ciências humanas.

### *Referências Bibliográficas*

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1995.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HITE, Shere. *O Relatório Hite: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Difel, 1979. (4ª edição).

\_\_\_\_\_, Shere. *O Relatório Hite sobre a sexualidade masculina*. São Paulo: Difel, 1982.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. *Conducta sexual del Varón*. México: Editorial Interamericana, 1949.

\_\_\_\_\_, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde; GEBHARD, Paul. *A Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1954.

MASTERS, William & JOHNSON, Virginia. *A Incompetência Sexual: suas causas seu tratamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_, William & JOHNSON, Virginia. *A Conduta Sexual Humana*. São Paulo. 4ª ed. Civilização Brasileira, 1981.

SENA, Tito. *Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2007.